

## Barros NF. *As Ciências Sociais na Educação Médica*. São Paulo: Hucitec; 2016.

Otacílio Batista de Sousa Nétto <sup>1</sup>  
Franklin Delano Soares Forte <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Patologia e Clínica Odontológica, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Piauí. Teresina PI Brasil.

<sup>2</sup> Departamento de Clínica e Odontologia Social, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa PB Brasil.

O livro *Ciências Sociais na Educação Médica*, da Hucitec Editora, de autoria de Nelson Filice de Barros<sup>1</sup>, lançado em 2016, traz em suas 185 páginas o acompanhamento de uma história em progresso: as interfaces das ciências sociais no campo do ensino médico no Brasil, seus horizontes científicos e políticos.

O autor é docente em uma tradicional escola médica brasileira, que conta com longa trajetória de ensino das ciências sociais, praticamente desde a sua fundação em 1963. Sendo cientista social aborda e aprofunda interrogações que permeiam todo o livro: o que querem, podem e como contribuem as ciências sociais no ensino médico? As respostas por sua vez e por diversas razões desenvolvidas ao longo do texto, nem sempre são explícitas ou comodamente capturadas.

O argumento central do livro ilumina a trilha percorrida por diferentes gerações de cientistas sociais no ensino das graduações e pós-graduações dos cursos de saúde brasileiros. Já nas considerações iniciais o autor questiona-se sobre uma sociologia da prática e as ambivalências experienciadas por um sociólogo na graduação médica e na aproximação dos seus objetos de estudo, entre a necessidade de ação propriamente dita e a premência de teorização reflexiva sobre o que é vivido e ensinado. Nos apontamentos produzidos a partir dos caminhos atravessados pelas ciências sociais na formação médica, percebem-se os diálogos, as transformações, as traduções e as negociações mútuas.

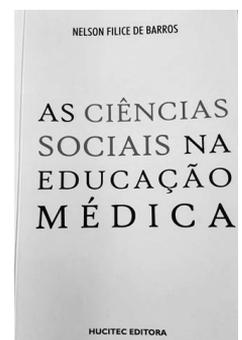
Ao longo do primeiro capítulo é contextualizada a origem da tradição 'brasileira' de ensino das ciências sociais na saúde e nesta historiografia é assinalada a primazia das matrizes teórico-conceituais materialistas (marxistas), hibridizadas com a influência francesa (Canguilhem, Foucault e Boltansky) e americana (Escola de Chicago: Parsons, Freidson, Merton). Assertivamente o autor reconhece que, no limite, o estabelecimento das ciências sociais no campo da saúde foi marcado por posturas mais políticas que propriamente científicas e por um deliberado arrefecimento do princípio da neutralidade científica. Questões associadas ao credencialismo acadêmico, às reservas de mercado

cultural, além de disputas pelo monopólio de conhecimento, também são problematizadas.

O texto aponta nos capítulos dois e três a centralidade do trabalho dos cientistas sociais na identificação, nomeação e análise das contradições sociais. Dedicando-se à engenhosa articulação das noções de credencial e conhecimento tendo como foco a presença das ciências sociais no ensino médico, construindo teoricamente o que seria o tipo weberiano ideal desta relação, como ferramenta conceitual que desenha padrões e auxilia em comparações analíticas. Credencial é compreendida a partir de diferentes referenciais teóricos, como a potência dos cientistas sociais que habitam o campo da saúde para existir em um território de disputas, potência revelada em termos de capital técnico, político, cultural e simbólico. Por conhecimento entendem-se os conceitos, os métodos e as técnicas produzidos em construtos teóricos para a realização de pesquisas em saúde. O tipo ideal, portanto, deve ter forte credencial e forte conhecimento, mas logo em seguida o autor pontua que nestes cinquenta anos de presença efetiva das ciências sociais na escola médica a forma concretamente alcançada limitou-se à combinação de fraca credencial (sobretudo pela ainda pequena participação de cientistas sociais em números absolutos nas instituições de ensino e pesquisa em saúde) e forte conhecimento (quantidade e valor atribuído às produções realizadas).

Revisando a literatura pertinente ao tema apresenta os movimentos de reformas curriculares do ensino médico ao longo dos séculos XX e XXI: do influente Relatório Flexner em 1910, às conferências sobre o ensino das ciências sociais na educação médica nos países centrais e em seguida na América Latina com os seminários de Viña del Mar e Tehuacán (nos anos 50 do séc. XX), e o movimento da Reforma Sanitária Brasileira com a constituição ideológica da saúde coletiva. Estes fatos contribuíram para a subsequente criação de departamentos de medicina preventiva e social e a contratação de cientistas sociais para a docência.

No conjunto dos legados oportunizados pelas ciências sociais no ensino médico o livro descreve um trajeto em perspectiva: de um início ensimesmado, estritamente teórico-conceitual e problematizador dos objetos das ciências da saúde, avançando para conquistas progressivas, como a viabilização do acompanhamento familiar *in loco* nos cenários reais dos serviços de saúde, não apenas com interesse clínico restrito, mas no contexto de uma resignificação da prática médica, colocando em pauta e prática a complexa e desafiadora natureza social do processo saúde-doença-cuidado.



A presença das ciências sociais como disciplina obrigatória do currículo médico, respaldada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, suscita: o delineamento de um perfil profissional com competências, atitudes e habilidades para a compreensão ampliada do processo saúde-doença-cuidado; o treinamento em serviço, particularmente na atenção primária em saúde, mas também em outros cenários de prática; a integração ensino-serviço-comunidade; a construção da autonomia crítica; o perfil de atuação pautado na valorização da diferença e na interculturalidade. Para o alcance deste leque de contribuições o livro constata a existência de um longo caminho em curso, com fluxos, contrafluxos e linhas de fuga.

No capítulo 4, o autor triangula reflexões entre a construção do ensino de ciências sociais na escola médica brasileira, a historicidade desta relação na universidade em que é professor, e os dados de uma consulta realizada com docentes e discentes da mesma instituição. Constata e elenca a presença de diversas inconsistências entre a importância quase consensualmente reconhecida das ciências sociais no ensino médico e o tímido interesse despertado por estas. Além disso, especula que este fenômeno não é factualmente recente e talvez sempre tenha estado presente na história do ensino social nesta e em outras escolas médicas.

O autor pondera que nesta experiência singular das ciências sociais na educação médica não haveria intercomunicação de saberes e ciências sem diferentes graus de tensionamento, tentativas de cooptação e invisibilização recíprocas e, por fim, lutas por hegemonia. A busca pelas respostas das questões inicialmente apontadas no texto (o que querem, podem e como contribuem as ciências sociais no ensino médico?) segue e passa pela efetivação de uma relação dialógica, um mo-

vimento socialmente valorizado, que reconheça a potência do conhecimento sociomédico, suas contribuições no universo não autolimitado e autossuficiente das ciências da saúde.

Como alerta, o texto estimula ainda a reflexão do que pode ser preocupantemente interpretado como fato consumado: a crescente adoção de uma perspectiva mais aplicada ou instrumentalizada e progressivamente menos crítico-reflexiva das ciências sociais no ensino médico. Uma apropriação apenas e tão somente pontual, responsiva às questões pragmáticas da formação profissional em questão. Este estado da arte da contemporaneidade impõe perdas, secundarização e desvalorização da substância profunda das ciências sociais, transfiguradas em mero insumo traduzido na metáfora do uso de conceitos como algodão na sala de curativos.

Ao fim e ao cabo, contradições marcam a trajetória das ciências sociais na educação médica e definem suas potencialidades e limites, como: o rótulo quase estigma “nós e eles”; a presença envolvida por ausência, a evidência de um funcionalismo estruturante e a extensão de um roteiro que apesar de longo permanece inconcluso. Como se comunicam e se relacionam as ciências sociais e as ciências da saúde? Esta resposta não está pronta e convida para a reflexão sobre a presença imagética e controversa das ciências sociais na vida e no currículo do ensino médico, em nossas diversas e plurais salas de aula.

## Referências

1. Barros NF. *The Social Sciences in Medical Education*. São Paulo: Hucitec; 2016.